

HÁ PROBLEMAS FILOSÓFICOS? UMA AVALIAÇÃO DA RESPOSTA DO PIRRONISMO¹

Paulo Roberto Margutti Pinto²

ABSTRACT:

The purpose of this work is to clarify some mistakes in the current controversy about Pyrrhonism. An interpretation and an assessment of the Pyrrhonian response to the question concerning the existence of philosophical problems is presented. It is suggested that the Pyrrhonian response is ambiguous and outdated, requiring important adaptations in order to fit the current philosophical needs.

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é esclarecer certos equívocos no atual debate em torno do pirronismo. Apresenta-se uma interpretação e faz-se uma avaliação da resposta pirrônica à questão a respeito da existência de problemas filosóficos. Sugere-se que a resposta pirrônica é ambígua e inatual, exigindo importantes adaptações para se adequar às necessidades filosóficas atuais.

I - INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem-se registrado uma espécie de renascimento da tendência filosófica pirrônica. Graças a isso, até mesmo uma nova escola, denominada "Neo-pirronismo", está florescendo no Brasil. Muitas discussões surgiram a partir daí, e outras deverão surgir. Parece-me, contudo, que muitas delas se baseiam em equívocos fundamentais na interpretação e na avaliação do pirronismo apresentado por Sexto Empírico. Este trabalho tem o objetivo de contribuir para o esclarecimento desta questão. Para tanto, serão dados aqui os seguintes passos. Em primeiro lugar, vou considerar os principais aspectos da resposta pirrônica à questão que nos interessa, tais como

¹ Publicado em CADERNOS DE HISTORIA E FILOSOFIA DA CIENCIA. , v.3, p.159 - 178, 1996.

² Depto de Filosofia da UFMG.

aparecem nas "Hipotiposes Pirroneanas". Em segundo lugar, vou fazer uma avaliação da resposta pirrônica, do ponto de vista sistemático e histórico. Em terceiro e último, vou listar as conclusões resultantes do presente estudo. A expectativa é de que, se nem todas as principais questões tiverem sido resolvidas, pelo menos terão sido colocadas de maneira mais adequada do que o foram até o presente momento.

II - PRINCIPAIS ASPECTOS DA RESPOSTA PIRRÔNICA

Sexto Empírico caracteriza o pirronismo como atividade zetética ou investigadora, como filosofia que suspende o juízo e como filosofia aporética ou da dúvida (Cf. 1948: I, 7). Em suas próprias palavras,

o ceticismo é a faculdade de opor as aparências (ou fenômenos) e os conceitos de todas as maneiras possíveis; daí chegaremos, por causa da força igual das coisas e das razões opostas, primeiro à suspensão do juízo e depois, à ataraxia. Nós o chamamos faculdade ou potência, não em um sentido mais delicado, mas simplesmente porque ela pode qualquer coisa" (id.: I, 8).

Quanto ao percurso da investigação pirrônica, Sexto o caracteriza da seguinte maneira:

homens de grande talento, perturbados pela ausência de equilíbrio das coisas, na falta de saber a quais delas dar o assentimento, vieram a procurar o que elas encerram de verdadeiro e de falso, com a intenção de chegar à ataraxia depois de ter decidido a seu respeito (id.: I, 12).

Mais adiante, este autor acrescenta:

Depois de ter começado a filosofar sobre a distinção das representações e sobre o conhecimento das verdadeiras e das falsas, de maneira a atingir a ataraxia, ele [o cético] caiu numa discordância de força igual, de forma que ele se absteve de resolver, por não poder fazê-lo; a esta suspensão do juízo, por um feliz acaso, seguiu-se a ataraxia com respeito àquilo que é objeto de opinião (id.: I, 26).

A partir desta caracterização, acredito ser possível identificar quatro etapas diferentes na investigação pirrônica:

1ª Etapa: Perturbação. É o ponto de partida, quando o desequilíbrio das coisas no mundo torna difícil decidir a qual delas dar assentimento. Isto gera um estado de inquietação no cético.

2ª Etapa: Investigação (zétesis). É o momento em que o cético, motivado pelo estado de inquietação em que se encontra, tenta eliminá-la através da procura daquilo que as coisas encerram de verdadeiro ou de falso.

3ª Etapa: Equipolência (isosthéneia). A intenção original do cético era decidir a qual das coisas dar assentimento e assim eliminar a sua perturbação. O resultado de sua investigação, porém, acaba por contrabalançar as teses opostas, mostrando que o problema é indecidível;

4ª Etapa: Suspensão (epoché). Diante da equipolência das teses, o cético é forçado a suspender a investigação do problema considerado;

5ª Etapa: Tranquilidade (ataraxia). Uma vez paralisada a investigação, o cético inesperadamente atinge um estado de ausência de perturbação que ele supunha poder alcançar somente se fosse capaz de decidir com certeza a que coisa dar o seu assentimento.

Como se pode ver, a atividade filosófica, do ponto de vista do pirronismo, constitui uma investigação de resultados inesperadamente terapêuticos. Motivada por uma perturbação intelectual, essa investigação trabalha uma dada questão filosófica até estabelecer finalmente um estado de equilíbrio entre as possíveis soluções da questão considerada. Atingido o estado de equilíbrio, o cético é obrigado a paralisar a investigação e graças a isso consegue, num lance de sorte, superar a inquietação que o incomodava.

Com base nessa concepção, Sexto afirma que há três tipos principais de filosofia, a saber, o Dogmatismo, a Academia e o Ceticismo (1948: I, 4). O Dogmatismo afirma ter encontrado a verdade; a Academia afirma que ela é inatingível; o Ceticismo ainda procura pela mesma (id.: I, 1-

3). O que caracteriza os dois primeiros tipos de filosofia é que ambas afirmam alguma coisa. A única diferença está em que o Dogmatismo o faz em sentido positivo, enquanto a Academia o faz em sentido negativo. Em última análise, estes tipos de filosofia constituem variantes de uma posição dogmática. Desse modo, não se pode dizer que o cético pertence a uma seita, se por isso se entende que ele se inclina por uma doutrina e dá seu assentimento a algo obscuro (id.: I, 16). Mas se por isso se entende uma

orientação dirigida por alguma razão em conformidade com as aparências, quando esta razão mostra como viver bem (viver bem não é somente viver segundo a virtude, mas mais simplesmente) e tende a poder suspender o juízo (id.: I, 17),

então pode-se dizer que o cético pertence a uma seita.

Enquanto seita, o pirronismo se baseia em dois princípios fundamentais. O primeiro deles é a esperança da ataraxia. O segundo é o da equipolência, conforme a qual "a toda razão se opõe uma igual razão" (id.: I, 12).

Neste espírito, o Sexto apresenta diversas listas de argumentos capazes de produzir a suspensão que levará à almejada ataraxia. Tais argumentos são denominados 'modos' e, dentre eles, destacam-se os "Dez Modos" de Enesídemo e os "Cinco Modos" de Agripa (Cfr. Sexto 1948: I, 36-177). Mesmo assim, estes argumentos são apresentados com a seguinte qualificação: não se tem certeza de sua força ou de sua quantidade, ou seja, é possível que alguns não sejam válidos ou que haja um número maior deles (id.: I, 35). Ainda no mesmo espírito, o cético pirrônico utiliza diversas expressões em suas discussões, como, por ex., 'talvez', 'nada defino', 'tudo é indeterminável', 'tudo é inapreensível' ou a já mencionada 'a toda razão se opõe uma igual razão' (id.: I, 187-208). Nenhuma delas deve ser tomada ao pé da letra, em sentido dogmático, mas como expressando a forma pela qual as coisas aparecem ao pirrônico, a saber, como "igualmente dignas ou indignas de crença" (id.: I, 196). A melhor explicação do sentido em que devem ser tomadas tais expressões é dada por Sexto na sua explicação do segundo princípio do pirronismo:

Quando digo 'a toda razão se opõe uma razão de força igual', quero dizer: 'a toda razão que examinei, que constrói uma asserção dogmática, uma outra razão que constrói uma asserção dogmática igual a ela para persuadir ou não persuadir me aparece se opor'; de modo que esta

enunciação não é dogmática, mas sim a exposição de uma disposição humana, ou seja, daquilo que aparece ao sujeito (id.: I, 203).

A consequência dessa atitude é o abandono de toda e qualquer doutrina por parte do cético pirrônico, que, apaziguado intelectualmente, retorna ao mundo da vida. Embora não possua uma opinião teórica, ele não pode permanecer inativo diante desse mundo. Por isso, ele se liga às aparências e procura observar as regras da vida, que envolvem as indicações da natureza, as necessidades de nossas disposições, a transmissão dos costumes e das leis e o ensinamento das técnicas (id.: I, 23).

Nas "Hipotiposes Pirronianas", Sexto descreve o argumento que o cético contrapõe ao argumento contrário como uma "droga purgativa" que expelle não apenas o argumento contrário, mas também a si própria (1948: II, 188). Considero esta metáfora como profundamente ilustrativa, não só da atitude pirrônica em geral, mas também de sua resposta à questão sobre a existência de problemas filosóficos. Realmente, a metáfora deixa claro que, para fazer efeito, a droga deve primeiro ser ingerida, ou seja, para se obter a suspensão, deve-se primeiro aceitar o problema filosófico como tal: só assim se consegue estabelecer a equipolência das teses opostas. Antes de abandonar o problema filosófico através da suspensão, o cético pirrônico deve enfrentá-lo com toda a sua habilidade argumentativa. Desse modo, parece-me bastante claro que a resposta do pirronismo à questão que nos interessa é a seguinte: há problemas filosóficos e eles nos perturbam; a investigação, porém, revela que eles são indecidíveis e devem ser abandonados; o abandono destes problemas nos leva surpreendentemente de volta ao estado de tranquilidade intelectual originário. Neste sentido, o pirronismo deve ser entendido não como uma doutrina filosófica, mas como uma espécie de atividade terapêutica, que exige uma certa habilidade para ser exercida (Cfr. Smith 1993: 173-4; 177). Pode-se também dizer que o pirronismo rejeita o discurso comprometido com a metafísica, aquele discurso que pretende dizer o que as coisas realmente são (id.: 175-6). O resultado disso é o retorno ao uso das palavras em seus sentidos habituais. É por essa razão que se costuma dizer que, conforme o pirronismo, a vida passa muito bem sem a filosofia dogmática (id.: 177).

III - AVALIAÇÃO DA RESPOSTA PIRRÔNICA

Em minha avaliação do pirronismo com respeito ao problema que nos interessa, minha tese principal será a seguinte. Em que pesem suas alegadas vantagens atarácicas, considero que o pirronismo ainda possui alguma forma de comprometimento implícito com a filosofia dogmática. Este comprometimento, embora seja terminantemente negado pelo cético, cria uma nova forma de dogmatismo, ao transformar esta filosofia numa terapia para eliminar a intranquilidade filosófica. Isto compromete inclusive a qualidade da terapia proposta. Se tentarmos verificar a validade do pirronismo nos dias de hoje, veremos que estas dificuldades são agravadas pelo aparecimento de novidades filosóficas a partir dos pensadores modernos. Estas novidades constituem verdadeiros desafios, ainda à espera de uma solução satisfatória em termos pirrônicos.

Parece-me que a escola pirrônica, a partir da descrição feita no presente estudo, pode ser entendida como uma filosofia que possui dois aspectos básicos. Por um lado, enquanto atividade autêntica de investigação, o pirronismo possui um núcleo que expressa a própria condição do homem ocidental diante do enigma do universo. Com efeito, o pirrônico parte da inquietação causada por um dado problema filosófico e, embora se empenhe numa investigação febril para descobrir a verdade, esbarra na indecidibilidade que é representada pela equipolência das teses filosóficas opostas. A suspensão relativa ao problema investigado é a consequência frustrante e inevitável deste processo.

O que acabo de descrever corresponde às quatro primeiras etapas da investigação cética. Todavia, é importante observar que este processo teve início com uma perturbação específica, gerada por um problema específico que exigiu uma investigação também específica. A suspensão forçada refere-se ao problema considerado e a ataraxia obtida é fortuita. Isto significa que tanto a suspensão como a ataraxia são, neste momento, parciais. É por isso que se pode perfeitamente dizer que, até aqui, não há qualquer escola, dogmatismo ou doutrina filosófica, mas pura investigação, sob a forma de uma atividade zetética inacabada. Neste nível, o cético pirrônico pode ser definido com toda a justiça como aquele que ainda procura pela verdade. Este aspecto constitui o núcleo originário do pirronismo e poderia ser resumido na seguinte fala: "tudo o que sei, até agora, é que não consegui resolver nenhuma das questões filosóficas com que me defrontei; abandonei-as todas,

por indecíveis que eram". Nesta perspectiva, o pirronismo constitui uma das expressões mais autênticas da perplexidade do homem ocidental diante do mistério da existência. Acredito que, nesta forma, ele deve ter sido professado por Pirro e alguns de seus seguidores mais autênticos. Mas acrescento que isto deve ter acontecido apenas nos momentos iniciais de suas respectivas investigações filosóficas.

Com efeito, na medida em que alcança acidentalmente a ataraxia parcial depois da suspensão parcial, o cético pirrônico realiza uma passagem sutil para suspensão total e a consequente ataraxia total. Parece que a ataraxia obtida, embora fortuita e parcial, conquista definitivamente o coração do cético. Viver liberto da intranquilidade intelectual torna-se o objetivo último de sua vida. O pirrônico realiza então a seguinte manobra. Se a suspensão parcial gera uma ataraxia parcial, então a suspensão total deverá produzir a ataraxia total. Obtém-se assim uma equivalência entre o estado de suspensão e o atarácico. Desse modo, para conservar-se em estado de constante ataraxia, o pirrônico procura manter-se em estado de constante suspensão. A partir de agora, ele não mais investiga os problemas filosóficos na perspectiva zetética original: ele os considera do ponto de vista do estado de suspensão total em que se encontra. Todo este processo está embutido na quinta etapa da investigação cética. Ele é possível porque o pirrônico passa a valorizar mais a tranquilidade do que a própria investigação que nela culmina. A ataraxia é erigida em finalidade máxima do ceticismo. Aquilo que era o resultado acidental da investigação torna-se o seu objetivo principal. Dessa maneira, uma investigação com efeitos terapêuticos fortuitos transforma-se num procedimento terapêutico com objetivos previamente estabelecidos. O resultado é funesto: privilegiando o estado de ausência de perturbação intelectual que caracteriza a ataraxia e identificando-o com o estado de suspensão total, o pirronismo acaba por transformar este último no estado a ser almejado por todo pensador consequente. Isto equivale a revestir o núcleo zetético primitivo com uma espécie de carapaça sectária, institucionalizando-o. Este foi o preço pago para constituir a escola pirrônica.

O texto das "Hipotiposes" constitui uma excelente ilustração do que acabo de descrever. Por um lado, Sexto Empírico define o pirronismo como aquela filosofia que ainda busca a verdade (1948: I, 4). Esta busca corresponde claramente àquela parte do pirronismo que constitui o seu núcleo zetético original. Por outro lado, dando vazão à sua ânsia pela ataraxia, Sexto inverte as

prioridades da investigação cética. Em detrimento do espírito zetético que caracteriza a investigação sempre em processo, ele enfatiza a esperança de alcançar a ataraxia, afirmando que esta última constitui "o princípio e a causa do ceticismo" (id.: I, 12). A almejada ataraxia possui uma dimensão eminentemente ética, que se sobrepõe à atitude zetética originária. É verdade que isto constitui um reflexo do tipo de preocupação que anima as escolas filosóficas da época do Ceticismo, como o Estoicismo e o Epicurismo. Mas o resultado dessa inversão de prioridades foi submeter o núcleo zetético do pirronismo às conveniências da obtenção da ataraxia. Nesta perspectiva, o cético não mais pode ser definido como aquele que ainda busca pela verdade, mas como aquele que procura a tranquilidade intelectual.

Uma vez feita a inversão que mencionei, Sexto pôde então dar os seguintes passos, todos eles concebidos em função da almejada ataraxia total. Em primeiro lugar, a elaboração duma lista de argumentos capazes de levar outros pensadores ao estado de suspensão total. É neste sentido que devem ser entendidas as diversas catalogações de argumentos céticos, como, por ex., os "Dez Modos" de Enesídemo, ou os "Cinco Modos" de Agripa (Cfr. Sexto 1948: I, 36-177). Estamos diante de listas de argumentos organizados por alguém que já se encontra em estado de suspensão total e que pretende auxiliar seus semelhantes a atingir o mesmo estado. Daí o fato desses "modos" serem apresentados com a ressalva de que não se tem segurança quanto ao seu número ou à sua força (Sexto 1948: I, 35). De qualquer modo, a estratégia argumentativa é tal que o pensador que aceita tais "modos" entra num estado de suspensão total e, portanto, de ataraxia total.

Em segundo lugar, caracterização de todas as filosofias que se opõem ao pirronismo como dogmáticas. Já que a suspensão total pirrônica constitui "a" atitude filosófica por excelência, as demais correntes, como o Dogmatismo e a Academia, passam a ser caracterizadas como "desvios" dessa atitude autêntica. A principal causa desses "desvios" é a "precipitação" (propéteia) (Cfr. Sexto 1948: I, 20; 177; 186; I, 21; 37-8), que parece consistir em dar assentimento a uma determinada tese filosófica antes de investigá-la mais aprofundadamente. E, embora o tema que segue não esteja claramente formulado em Sexto, as correntes mencionadas podem ser vistas como "enfermidades" dogmáticas a serem "curadas" através de um remédio apropriado. Comparando-se com os demais filósofos, o cético pirrônico passa a considerar-se como o único que conseguiu manter-se intelectualmente "normal" e, portanto, o único capaz de libertar seus colegas da "doença"

dogmática. O princípio básico dessa "cura" é o método da construção de antinomias, as quais levam à equipolência e, conseqüentemente, à suspensão. Desse modo, encontrando-se já em estado de constante e aprazível suspensão, o cético nem sequer precisa acreditar nos argumentos que o dogmático lhe apresenta. Basta usar o método das antinomias e retrucar-lhe com argumentos dogmáticos contrários. Não importa que, em determinados casos, o apelo ao método das antinomias possa levar ao contra-senso de "demonstrar" que não há demonstração (id.: II, 144-192). De qualquer modo, o objetivo buscado deverá ser sempre a obtenção da equipolência e a conseqüente indução do dogmático à suspensão. Para fazer isso, postula-se que este último terá a mesma sorte do cético e também atingirá a ataraxia. Neste ponto, a ênfase não mais se encontra na investigação da verdade, mas na prática da preservação da tranquilidade intelectual através da continuação do estado de suspensão.³ O resultado é não apenas a ausência de perturbação que se segue ao abandono das posições doutrinárias da filosofia dogmática, mas também o retorno àquilo que resta quando se abandona a pretensão à teoria: a vida do homem comum. É neste sentido que Sexto define o pirronismo como uma orientação que ensina a bem viver e tende a suspender o juízo (1948: I, 17).

É verdade que nenhum desses passos envolve a formulação de uma doutrina em sentido dogmático. Todavia, todos eles são dados a partir da conexão fortuita entre a suspensão parcial a que se chega na investigação de um problema filosófico específico e o estado de agradável tranquilidade intelectual obtido após esta suspensão parcial. Embora seja fortuita, a conexão inspira duas inferências inválidas. A primeira delas poderia ser formulada da seguinte maneira: "esta ataraxia surgiu depois desta suspensão; logo, esta ataraxia surgiu por causa desta suspensão". Trata-se de uma variante da velha e conhecida falácia do tipo 'post hoc, ergo propter hoc'. A segunda delas constitui uma generalização apressada que se aplica à conclusão obtida através da primeira falácia: "se esta ataraxia surgiu por causa desta suspensão, então o estado de ataraxia total surgirá por causa da suspensão total". Se estas duas inferências forem aceitas, o pensador que estiver mais fascinado pela ataraxia do que pela investigação erigirá em princípio metodológico a regra de que, para viver ataraxicamente, deve-se viver em estado de suspensão. Este princípio metodológico é pressuposto pelo cético pirrônico em sua atitude face à filosofia. Assim, embora

³ Uma confirmação desse fato pode ser encontrada nas palavras de Porchat: "à luz de toda sua [do cético] experiência passada, sua expectativa não é mais a da descoberta da verdade, mas tão-somente a da tranquilidade que segue a suspensão do juízo" (1993: 230).

não formule explicitamente uma doutrina, o pirrônico adota, no final das contas, uma postura que decorre dum tipo de precipitação semelhante ao que ele critica no dogmatismo.⁴ Neste sentido, pode-se dizer que ele assume uma atitude dogmatizante, que constitui uma traição ao núcleo zetético originário. Não é à toa que os adversários do pirronismo o acusam de alguma forma de dogmatismo: eles sentem instintivamente que alguma coisa não se enquadra bem nessa filosofia.

Para responder a esse tipo de acusação, o pirrônico se vale das duas faces que caracterizam sua filosofia. Desse modo, quando seu adversário fala em dogmatismo, o que está em jogo é a face sectária dessa filosofia, a qual efetivamente possui uma dimensão metodologicamente dogmatizante. Quando o pirrônico retruca, o que ele coloca em jogo é a face zetética de sua filosofia, que efetivamente nada possui de dogmático. Assim, ao ser acusado de usar dogmaticamente determinados princípios do ceticismo (face sectária), Sexto Empírico retruca que os mesmos não devem ser entendidos em sentido dogmático, mas como meras expressões de disposições momentâneas (face zetética) (Cfr. 1948: I, 187-208). Ao dizer, p. ex., que "a toda razão se opõe uma igual razão", ele explica que se trata de toda razão dogmática examinada até o momento (id.: I, 202). Mas, se isto é verdade, por que uma expressão é tomada pela outra? Não seria mais fiel à verdade abandonar a proposição universal acima e substituí-la pela particular, mais modesta, afirmando que "até o momento, a toda razão dogmática examinada se opôs uma razão dogmática igual"? Em minha opinião, isso só se explica quando se percebe que Sexto está se valendo da dupla face do pirronismo e justificando seu espírito sectário por intermédio da atitude zetética originária.

A precipitação pirrônica ao estabelecer a conexão entre suspensão e ataraxia também repercute sensivelmente na qualidade da "cura" proposta. Conforme já foi dito, a tranquilidade intelectual é alcançada de maneira inteiramente fortuita. Sexto caracteriza este fato através de uma interessante analogia:

O que se conta do pintor Apele acontece de ordinário com o Cético. Pintando, conta-se, um cavalo e tendo desejado reproduzir pelo desenho a espuma do cavalo, ele fracassou a ponto

⁴ O texto de Porchat apresenta uma excelente ilustração dessa precipitação: "e esta renovação da epoché, o cético a espera, uma vez mais, da conformação de uma situação de isostheneia: porque tudo indica que, como sempre aconteceu no passado, à doutrina que ora aparece atraente e válida, outra virá a opor-se, que ainda não se consegue no momento articular" (1993: 230; grifo meu). Ver o argumento também em Sexto (1948: I, 33-5).

de renunciar e de lançar sobre o quadro a esponja com a qual ele limpava as cores dos pincéis; e esta, por contato, reproduziu a espuma do cavalo. Os Céticos esperavam então atingir a ataraxia julgando a diferença que existe entre as aparências e os conceitos; incapazes de fazê-lo, eles suspenderam o juízo; por um feliz acaso, a ataraxia seguiu-se para eles à suspensão do juízo, da mesma forma que a sombra segue o corpo (1948: I, 28-9).

Como se pode ver, do mesmo modo que, desesperado por não conseguir desenhar de maneira satisfatória a espuma do cavalo, o pintor Apele lança a esponja contra o quadro e consegue realizar seu objetivo de maneira completamente fortuita, assim também, desesperado por não conseguir decidir com certeza entre juízos metafísicos contraditórios e desse modo tranquilizar sua mente, o cético entra em estado de suspensão e redescobre a tranquilidade perdida de maneira também completamente fortuita. Em minha opinião, esta analogia expressa dramaticamente a ausência de conexão entre suspensão e ataraxia. Da mesma forma que a esponja de Apele, lançada de outro modo, poderia não reproduzir com sucesso a espuma do cavalo, a suspensão, efetuada em circunstâncias diferentes, poderia não levar ao feliz acaso da ataraxia. O cético pirrônico não tem qualquer garantia de que, ao esbarrar com a equipolência de soluções opostas no curso de uma investigação, a suspensão resultante irá automaticamente propiciar-lhe a almejada ataraxia. Na maioria dos casos, parece-me muito mais plausível supor que a suspensão obtida nessas circunstâncias produziria um sentimento de profunda frustração, ao invés da propalada tranquilidade intelectual. Uma vez em estado de suspensão parcial, o pensador encontrar-se-á diante de um leque muito grande de alternativas possíveis. A opção pela suspensão total para viver em constante ataraxia não é a única e talvez não seja sequer a mais consequente. Por exemplo, um dado pensador poderia associar o estado suspensão à perplexidade frustrante e nela permanecer por toda a vida; um outro poderia achar insuportável a convivência com este sentimento de frustração e optar por uma filosofia dogmática qualquer, só para escapar dessa situação; um terceiro poderia achar que o estado de suspensão e perplexidade constitui uma prova cabal das limitações da razão humana para resolver problemas filosóficos e optar por um ato de fé; um quarto poderia obter a ataraxia fortuita e passar a desconfiar da sua qualidade, considerando-a uma espécie de falsa tranquilidade, uma espécie de bonança duvidosa que foi obtida em meio à inquietação e ao desespero. Neste sentido, a "cura" cética é incerta e discutível: nunca teremos certeza de induzir o dogmático para a ataraxia através do método das antinomias. O purgante de Sexto Empírico é de efeito duvidoso e seus efeitos colaterais poderiam ser indesejáveis.

As dificuldades acima apontadas são inerentes ao pirronismo enquanto seita historicamente localizada. A elas acrescentam-se outras, decorrentes da própria evolução do pensamento filosófico. Estas afetam as reformulações que se pretende impor ao pirronismo para adaptá-lo aos dias de hoje.

Dentre tais reformulações, destaco a do neo-pirronismo, que, para manter viva e atual a tendência a partir da qual se origina, deve ser capaz não só de responder às críticas apresentadas acima como também de assumir uma atitude satisfatória com respeito a certas novidades que surgiram a partir da Filosofia Moderna. Por razões de espaço, vou reduzi-las a duas.

Em primeiro lugar, o neo-pirronismo precisa posicionar-se com mais clareza relativamente à Ciência Moderna. Desde Galileu, temos observado o desenvolvimento de uma forma nova e bem sucedida de fazer ciência, a qual só tem confirmado o ideal moderno de fazer do homem o senhor da natureza. Trata-se de uma atividade científica que combina habilmente conjecturas teóricas com observações de fatos e que não estava prevista nos quadros conceituais do pirronismo originário. É verdade que, como já foi visto, esta filosofia preconiza o respeito às regras da vida, que incluem o ensinamento das *téchnai* (Sexto 1948: I, 23). É certo também que estas *téchnai* incluem, p. ex., a medicina antiga. Todavia, a tentativa de inclusão da Ciência Moderna no domínio destas *téchnai*, como o faz Porchat (Cfr. 1993: 205 ss.; 238-9), constitui uma extrapolação feita através da deturpação do sentido original da palavra grega. Neste sentido, parece-me que o verdadeiro acerto de contas do neo-pirronismo com a Ciência Moderna ainda está por fazer.

Em segundo lugar, o neo-pirronismo tem de definir com maior clareza sua posição com respeito ao ceticismo moderno, principalmente o de Hume. É certo que este último critica o pirronismo e se autodenomina um cético mitigado ou acadêmico (Hume 1777: 129). Mas a descrição que o pensador escocês faz do pirronismo é completamente equivocada, como se pode depreender pela passagem abaixo:

A grande subversora do Pirronismo ou princípio excessivo do ceticismo é a ação, o emprego e as ocupações da vida comum. Estes princípios podem florescer e triunfar nas escolas, onde é de fato difícil, se não impossível, refutá-los. Mas tão logo saem da sombra e, pela presença dos objetos reais que operam em nossas paixões e sentimentos, são colocados em oposição

aos mais poderosos princípios de nossa natureza, eles desvanecem como fumaça e deixam o mais determinado dos céticos na mesma condição que os outros mortais (id.: 126).

Como se pode ver, Hume apresenta o pirronismo como um ceticismo excessivo que é refutado pela vida comum. Mas as "Hipotiposes" de Sexto revelam justamente o contrário: trata-se de uma filosofia que, embora defenda o estado de suspensão em matéria teórica, preconiza o retorno à vida comum.⁵ Além disso, é possível que a caracterização do pirronismo feita por Hume seja meramente o resultado de uma estratégia argumentativa destinada a poupar-lhe dificuldades com a censura de sua época. Dessa forma, seu ceticismo "acadêmico" pode muito bem não ser tão acadêmico assim e de fato constituir uma variante do pirronismo. É importante observar também que a perspectiva humiana é eminentemente epistemológica, enquanto a pirrônica tem mais a ver com a ontologia e a ética. Ademais, o pensamento de Hume leva em conta o fato da Ciência Moderna, que era desconhecida pelos pirrônicos. Dessa forma, o filósofo escocês parece possuir um instrumental conceitual mais adequado para enfrentar os novos problemas que surgiram a partir da modernidade. Por essas razões, — e ao contrário do que tem acontecido até agora (Cfr. Porchat 1993: 196-7; 233), — Hume poderia ser considerado mais como um aliado do que como um inimigo. Neste sentido, um acerto de contas lúcido e desapaixonado com o ceticismo humiano revela-se indispensável para o neo-pirronismo.

IV - OBSERVAÇÕES FINAIS

Se minha análise estiver correta, a resposta do pirronismo de Sexto Empírico à questão 'há problemas filosóficos?' é ambígua e inatual.

Ela é ambígua porque esta forma de pirronismo apresenta duas faces opostas. Uma delas corresponde à atitude zetética originária, segundo a qual cada problema filosófico investigado de fato existe, mas revela-se indecível. As teses opostas são aceitas como tais e a suspensão é

⁵ Um outro ponto importante a ser destacado nesta discussão é o fato de que, em sua tentativa de voltar à "vida comum", Porchat parece caminhar decididamente em direção ao pragmatismo. Neste sentido, tornar mais claras as relações entre esta última tendência e o neo-pirronismo torna-se uma necessidade. Por motivos de espaço, não tratarei desta questão aqui.

forçada pela equipolência atingida. Neste nível, embora não haja escola, ou método, ou até mesmo ataraxia, prevalece o espírito da investigação autêntica. A paixão pela verdade é maior do que a paixão pela ataraxia. O problema está em que os resultados parecem conduzir a alguma forma de abandono da teoria através da eterna procura da verdade - e isso surge como desinteressante para quem tem intenções proselitistas.

A outra face do pirronismo corresponde à atitude sectária e às deformações que a mesma impõe ao núcleo zetético originário. A ataraxia, inicialmente obtida de maneira parcial e fortuita, é considerada consequência do estado de suspensão. O cético generaliza este resultado e procura manter-se em contínua suspensão para, assim, obter a ataraxia constante. Ao invés de concentrar seus esforços argumentativos na investigação enquanto busca incansável da verdade, ele prioriza a defesa da suspensão. Os problemas filosóficos continuam a existir e permanecem indecidíveis. Mas agora a perspectiva adotada é diferente. Estes problemas são vistos como doenças que geram a temida intranquilidade intelectual. Para defender seu estado atarácico, o cético tem de defender a suspensão contra as investidas dogmáticas. Para isso, ele tem de curar seu adversário, utilizando o método das antinomias. As teses opostas agora não mais são vistas como autênticas, mas como instrumentos de preservação da ataraxia. A tese que o dogmático apresenta ao pirrônico é mero sintoma da doença do primeiro; a tese oposta que o pirrônico devolve ao dogmático é um remédio que o segundo usa para curar aquela doença. Neste nível, embora haja método, escola e até mesmo ataraxia, desaparece o espírito da investigação autêntica. A paixão pela ataraxia é maior do que a paixão pela verdade. A dificuldade aqui está em que nada, a não ser uma decisão subjetiva, autoriza o pirrônico a assumir esta atitude. A opção por manter-se em estado de suspensão só porque até agora cada problema considerado revelou-se indecidível constitui uma generalização apressada. Embora não haja qualquer formulação explícita de uma doutrina, repete-se aqui o delito da precipitação, tão comum entre os dogmáticos.

A ambiguidade mencionada torna confusas as discussões em torno do pirronismo. Todavia, ela explica de maneira razoável a estratégia argumentativa usada pelo cético para defender-se da acusação de dogmatismo: ele utiliza a face zetética de sua filosofia para justificar a face sectária.

A resposta do pirronismo também é inatual porque, quando foi elaborada, não existia o problema das inovações trazidas pela Ciência Moderna e pelo ceticismo humiano. Isto afeta profundamente todas as tentativas correntes de reviver o pirronismo como escola filosófica.

No caso específico do neo-pirronismo, vemos que, para tornar-se uma filosofia capaz de enfrentar os desafios atuais, ele precisa eliminar a carapaça sectária que deforma tanto o núcleo zetético do pirronismo originário como o seu próprio. Isto implica em justificar de maneira teoricamente mais adequada a passagem para o almejado estado de suspensão total e constante. Na realização desta tarefa, ele deve ainda enfrentar a tarefa extra de explicar satisfatoriamente os grandes desafios que a evolução da filosofia tem apresentado desde os inícios da modernidade. Se, a partir desta reformulação, ainda restar algum traço, por mais remoto que seja, do pirronismo primitivo, só o futuro dirá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Hume, D. (1777). *Enquiries concerning human understanding*. In: Hume, D. (1779). *Enquiries concerning human understanding and concerning the principles of morals*. Reprinted from the posthumous edition of 1777 and edited with introduction, comparative table of contents, and analytical index by L. A. Selby-Bigge, M. A. 3rd ed. Oxford, Clarendon Press, pp. 1-165.
- Porchat Pereira, O. (1993). *Vida Comum e Ceticismo*. S. Paulo, Brasiliense.
- Schmit, P.J. (1993). Wittgenstein e o Pirronismo: sobre a natureza da filosofia. *Analytica* 1993 (1): 153-186.
- Sexto Empírico (1948). *Hypotyposes Pyrrhoniennes*. In: *Oeuvres Choisies de Sextus Empiricus*. Traduites par J. Grenier et G. Goron. Paris, Aubier, Éd. Montaigne.